

**Masculinidade e escritas: a prática discursiva dos literatos e a construção da masculinidade em Teresina nas primeiras décadas do século XX.**

Pedro Vilarinho Castelo Branco - UFPI

Ao observarmos textos escritos por literatos piauienses no final do século XIX e início do século XX, percebemos uma larga produção discursiva sobre as identidades de gênero. Alguns textos que se referem às identidades de gênero expressam a angústia de homens que percebem as tradicionais fronteiras entre o masculino e o feminino se esgarçarem. Dessa forma, as práticas escriturísticas dos intelectuais procuravam redefinir a masculinidade, apontando a relação do homem com o mundo da cultura escrita, da política, do trabalho e da paternidade, como elementos diferenciadores entre o masculino e o feminino. É sobre as formas que assumiam essa problematização da masculinidade no discurso dos literatos e como esses discursos eram consumidos, significados e incorporados pela sociedade que trataremos agora.

A definição dos novos modelos masculinos fundamentava-se nas idéias e na moralidade familiar burguesa, na divisão do espaço de ação social em esferas separadas; a casa se caracterizava como o espaço da privacidade, da intimidade entre os familiares, lugar de afetos, onde a mulher reinaria soberana e cumpriria sua função social de administrar o mundo doméstico, de educar os filhos, de ser a boa esposa, fiel, compreensiva e sempre pronta a seguir as orientações do esposo.

Os homens, por sua vez, teriam nos espaços públicos seu campo principal de ação, atuando no mundo dos negócios, nas disputas políticas, no mundo da cultura escrita, onde projetariam interesses e esforços em busca de conseguir os meios

necessários para o sustento familiar. Esse é seu espaço vital, no qual marcam a identidade masculina, definem seu gênero, diferenciando-os do universo feminino.

A participação política era um dos pontos de conflito entre os interesses femininos e masculinos. A participação política sempre foi prerrogativa masculina, as mulheres sabiam das disputas e dos interesses em jogo através da opinião do marido ou do pai. Conceder o direito de voto às mulheres seria romper com práticas tradicionais que delimitavam os espaços masculinos e femininos, seria dar um passo decisivo para subverter o ordenamento de gênero e provocar confusão nas identidades femininas e masculinas.

À reivindicação por parte das mulheres, em ingressar no âmbito público, os literatos respondiam negativamente, objetivando a política como algo sujo, imoral, em que as paixões e os interesses mais vis predominavam, havendo, dessa forma, incompatibilidade entre a política e a moral das mulheres.[1]

Outra argumentação contrária diz respeito à confusão que isso traria aos lares, à medida que as mulheres não cumprissem suas funções adequadamente, e mesmo quando buscassem ter opiniões próprias, argumentando com o marido, procurando convencê-lo das razões que justificassem sua escolha.

(...) Imaginem os senhores a complicação nos lares, quando o marido, vexado para almoçar porque já está sendo feita a chamada da eleição a que tem de ir, pedir providência à mulher, e esta lhe bradar aos queixos que também está vexada, porque igualmente vai votar (...) e quando as opiniões políticas divergirem votando a mulher em candidato contrário ao do marido?[2]

A relação com o mundo das letras, das idéias seria outro espaço de definição da masculinidade. Na elaboração discursiva de sua trajetória, uma das grandes preocupações de Higino Cunha, literato piauiense do período, foi se apresentar como homem de letras, como literato, como cidadão que participava ativamente do meio cultural

da cidade, Higino Cunha foi membro fundador da Academia Piauiense de Letras, jornalista atuante, e professor, do Liceu Piauiense e de muitas outras instituições. Ser dito como intelectual, como homem culto é um dos traços definidores de sua subjetivação. A participação no mundo das letras era um dos pontos centrais da nova identidade masculina: em primeiro lugar demarcava a diferença com os modelos masculinos tradicionais, uma vez que quase a totalidade dos homens era apenas iniciada no mundo das letras, em segundo lugar, diferenciava-os também das práticas femininas, à medida que pouquíssimas mulheres enveredavam pelo mundo das letras, sobretudo pela prática da escrita em jornais.

A prática da escrita e a formação superior davam a esses homens notoriedade, respeito social, imagem pública de homens cultos. Muitos que não tinham a mesma possibilidade de escrever, de publicar, procuravam, pelo menos, participar como consumidores dessa produção cultural escrita, mostravam se interessados nas discussões, eram leitores de jornais e livros, o que, nessa sociedade que começava a incrementar seus contatos com a cultura escrita, já lhes propiciaria um certo verniz de intelectualidade.

Essa identificação entre a masculinidade e a participação no mundo da cultura escrita, levava mesmo alguns rapazes a procurarem se iniciar no mundo das letras. É assim que Buggy Brito, em meados dos anos 1920, se aproxima de Antônio Neves, um jovem literato de 23 anos que abrigaria à sua sombra jovens elementos que desejavam iniciar-se na literatura.[3]

Iniciar-se como literato num jornal de jovens, auto-financiado, seria o início de um percurso que buscava a inserção no meio literário, buscava a subjetivação a partir da construção dessa relação com o mundo da cultura escrita, da vida intelectual.[4]

Outro campo de ação masculino nos espaços públicos é o mundo do trabalho; no discurso dos literatos a presença do engajamento no universo do trabalho tem uma ligação direta com a subjetivação masculina, é fator de elevação da auto-estima e de definição da masculinidade, [5] Pois nele conseguiriam os recursos necessários para cumprir sua função de provedor. A relação masculinidade e trabalho é apontada mesmo como um dos pilares de sustentação da masculinidade no mundo da modernidade.[6]

A trajetória de Higino Cunha expressa a importância da relação entre a masculinidade moderna e o mundo do trabalho, pois, para Higino, ser homem significava ser capaz de engajar-se no mercado de trabalho, de suprir as necessidades materiais daqueles que estivessem sob sua tutela e responsabilidade após o casamento e de constituir um patrimônio que trouxesse estabilidade financeira à família que pretendia formar.

Clodoaldo Freitas também escritura, em vários momentos, essa relação entre homens e trabalho como um fator de afirmação da masculinidade. No romance *Memórias de um velho*, o trabalho é apresentado como fator de regeneração de um homem moralmente decaído, à beira da marginalidade. Através do personagem Milo, Clodoaldo enaltece o vínculo com o trabalho como algo dignificante e constitutivo da masculinidade. Milo, após sofrer vários infortúnios, como a perda de toda a família, a doença e ainda o abandono pela noiva, que viaja para a Europa, entrega-se ao mundo dos vícios, incorpora-se a um grupo de ciganos e passa a ter vida errante, até que, se dizendo chamado pelos valores de família e de respeito ao trabalho aprendidos com a mãe, resolve mudar de vida:

Compreendi que devia arcar nobremente contra os revezes da sorte, e que só podia triunfar pela virtude e pela tenacidade na resistência e no trabalho porfiado. Entendi salvar-me com as minhas mãos e amassar a minha tortura com o suor de meu rosto (...) Sentia que dentro de mim, um altar iluminado, velava a

imagem santa de amor de minha mãe, a lembrar-me de meus deveres de homem e a responsabilidade do nome honrado que usava. Compreendi que devia lutar energicamente, para não ser tragado novamente pela onda do infortúnio. Tomada a resolução, precisava acertar na escolha de uma profissão honesta que me subministrasse o pão.[7]

O trabalho seria o meio disponível ao personagem de Clodoaldo de restaurar a auto-estima, de incluir-se na sociedade, de reafirmar sua masculinidade. Essa capacidade de cair socialmente, de entregar-se a uma vida marginal, desvinculada dos valores familiares, do mundo produtivo, dos quadrantes da ordem estabelecida, e soerguer-se através do trabalho, surge, nos escritos dos literatos, como característica masculina, as mulheres são sempre tratadas como seres moralmente frágeis, incapazes de tal movimentação social sem a tutela masculina.

As práticas escriturísticas dos literatos definem o mundo do trabalho como espaço masculino, também, ao negarem, ao procurar deslegitimar a presença feminina nos espaços públicos e nas atividades produtivas ali desenvolvidas. Clodoaldo Freitas é enfático ao abordar o assunto da inserção feminina no mundo do trabalho:

Estamos em um momento em que a mulher entra conosco na grande peleja pela vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio (...).

Tenho a propósito, teorias antigas e profundamente radicais no meu espírito. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou pelo menos com um ser epiceno. Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha, mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo.[8]

O objetivo de Clodoaldo é desqualificar a presença feminina nesse espaço que deveria se caracterizar como definidor da masculinidade. No trabalho, o homem se tornaria produtivo, útil, ganharia condições de se tornar o provedor material da família, enquanto a presença feminina seria para elas fator de masculinização, de envolvimento com atividades que não eram compatíveis com o ser feminino, o que provocaria confusão

entre as identidades de gênero, na forma como era pensada pelos literatos do início do século.

No período em análise algumas práticas masculinas tradicionais que não eram condizentes com os modelos modernos de masculinidade, continuavam extremamente presentes dando respaldo à identidade masculina. É assim que muitos homens se comportavam como se a casa, os problemas domésticos, a criação dos filhos fossem problemas das mulheres, que eles nada tinham a ver com eles, desconsideravam a paternidade como lugar de afetos, e faziam mesmo questão de explicitar isso como uma forma de confirmar sua masculinidade para o grupo de homens de suas relações.[9]

O cronista do *Correio de Teresina*, em um texto, abordando as relações conjugais, explicita como muitos homens da sociedade em análise encaravam as obrigações familiares:

Em Teresina, cada um de nós procura esconder do outro o apego ao lar. Cada qual quer parecer mais livre, mais senhor, mais homem.

Adorar a família, repartir com a mulher os direitos de fidelidade e de carinho é ser manicaca, é expor-se aos alfinetes do ridículo.

O medo de ser enquadrado como manicaca[10], de ser ridicularizado como um homem fraco, incapaz de controlar os ímpetos da mulher, de manter a casa sob seu comando, levava alguns homens a manterem distanciamento afetivo da família.

Os jogos de sedução faziam parte também das práticas que davam identidade a muitos homens. As conquistas amorosas que se iniciavam ainda na juventude, período marcado pelo aprendizado da vivência da sexualidade e da afetividade, onde a infidelidade e a multiplicidade dos amores era a regra por excelência. Tais relações não respeitavam regras sociais, não faziam distinção quanto a procedência social das mulheres a serem conquistadas. A liberdade com que os rapazes transitavam pela cidade, com que freqüentavam os bailes de subúrbio, onde passavam as noites a dançar,

a ter encontros íntimos nas proximidades, onde a escuridão da noite favoreceria a vivência de intimidades. Se muitos desses amores não passavam de brincadeira, de aventuras furtivas e sem conseqüências, em outros casos a continuidade dos encontros levaria a relacionamentos mais duradouros onde o nascimento de filhos bastardos seria uma possibilidade.

Os envolvimento dos rapazes de elite com prostitutas ou com mulheres que se permitiam viver fora dos padrões morais socialmente impostos, colocavam muitas vezes em risco os interesses e planos familiares que alimentavam para o jovem rapaz um casamento com uma sua igual, possivelmente uma prima, o que favoreceria a continuidade do prestígio social familiar. Por outro lado, para muitas moças pobres tornar-se uma mulher tida e mantida por um homem rico poderia ser um caminho, se não de ascensão social, pelo menos da conquista de certa proteção que lhe proviesse a subsistência. O que podemos afirmar sobre essa questão é que nem sempre as investidas da família com o objetivo de enquadrarem os rapazes nos modelos familiares previamente estabelecidos como desejáveis se concretizava.

Os relatos da Senhora Maria, operária de uma Indústria Têxtil em Teresina, que aos treze anos de idade fora escolhida para recepcionar ao filho do proprietário da fábrica, na sua triunfal volta dos estudos superiores, ilustram o desfecho que as práticas juvenis masculinas poderiam ter. Para o desgosto da família do rapaz, ele caiu de amores pela operária, fazendo dela sua amante e em seguida sua esposa.

O caso da Senhora Maria mostra uma possibilidade de desfecho dessas relações, no entanto, o mais provável é que inúmeros rapazes tenham passado pelas mesmas experiências que o jovem farmacêutico sem legitimar as relações, incorporando os valores do seu grupo social, não fazendo confusão entre moças para casar e para ter relações extraconjugais.

Acostumados a viverem com relativa liberdade, e vendo essas práticas como parte de sua construção identitária, os homens não se enquadrarão facilmente nos modelos definidos como os esperados para homens casados. É assim que buscarão conciliar a vida conjugal com a frequência a bordéis, aos salões de jogos, ou mesmo davam continuidade aos jogos de sedução onde mulheres solteiras, ou mesmo casadas, seriam assediadas.[11]

Tais aventuras nem sempre terminavam sem graves conseqüências, muitas vezes o assédio às mulheres casadas ou solteiras eram percebidos como grave fator de desonra para o marido, para os pais ou outros membros familiares masculinos, o que poderia levar a atitudes violentas. A defesa da honra familiar, o uso da força física e da agressividade seriam também atitudes que de alguma forma reconstituiriam a honra familiar, a auto-estima masculina ultrajada pelas audácias de um D. Juan. A traição seria percebida como forte fator de desvirilização, de fragilidade, de negação e inferiorização da masculinidade do homem traído e de afirmação da superioridade do conquistador. Nessa disputa de machos a eliminação física do rival ou da mulher, poderia, algumas vezes, ser o caminho escolhido.

Em síntese, o período em análise consiste em momento de transição, no qual temporalidades diversas convivem no meio social, onde práticas novas e antigas vão dando significado às identidades masculinas. Nesse contexto os literatos vão desenvolvendo a prática de escriturar, de dizer a masculinidade dentro de parâmetros definidos e marcados pela disciplina, no entanto os próprios literatos acabam por dar visibilidade a práticas não condizentes com os modelos propostos, mostrando que a masculinidade não era naturalizada, não era facilmente capturada por discursos homogeneizadores, mas, que se construía no embate de discursos e práticas divergentes que se faziam presentes no cotidiano.



- 
- [1] CHAVES, Antonio. O feminismo em Teresina. *O Piauí*, Teresina, ano XXXI, n. 433, 09 dez. 1920.
- [2] Comentários e notas *Gazeta*, Teresina, ano XVII, n. 762, p. 01, 17 fev. 1927.
- [3] BRITO, Bugyja. *Traços em cinco biografias*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1987. p. 60.
- [4] Sobre a vida cultural no Piauí do final do século XIX e início do século XX ver principalmente: QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina / João Pessoa: EDUFPI / Editora Universitária, 1998; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1997.
- [5] MUNIZ, Durval. *A invenção do falo*. Maceió. Catavento. 2003. p.128.
- [6] NOLASCO Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.50-66.
- [7] FREITAS, Clodoaldo. Memórias de um velho. *Jornal Pátria*, Teresina, ano IV, nº230, p.15, dez.1905.
- [8] FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 71-73.
- [9] NOLASCO, op. cit., p. 88.
- [10] Manicaca era um termo muito utilizado em Teresina, no final do século XIX e início do século XX, para designar os homens controlados pela mulher.
- [11] FREITAS, Clodoaldo. O dedo de Deus. In: *Escritos de Clodoaldo Freitas*. São Luis. 1909.